**UNIVERSIDAD NACIONAL DE ITAPUA**

**III SEMINARIO INTERNACIONAL DE LOS ESPACIOS DE FRONTERA (III GEOFRONTERA)**

# *Integración: Cooperación y Conflictos*

# III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA (III GEOFRONTEIRA)

# *Integração: Cooperação e Conflito*

EIXO TEMÁTICO 6: Fronteras, Territorios y Culturas / Fronteiras, Territórios e Culturas

**FRONTEIRAS FÍSICAS NAS NARRATIVAS DE PESCADORES FRONTEIRIÇOS**

STEFANUTTI, Paola

UNIOESTE

E-mail: p\_stefanutti@ifpr.edu.br

GREGORY, Valdir

UNIOESTE

E-mail: valdirmacgregory@gmail.com

CASTRO NETO, Nelson

Instituto Federal do Paraná - IFPR

E-mail: nelson.neto@ifpr.edu.br

**RESUMO**

Este estudo é sobre memórias de pescadores de Foz do Iguaçu, analisando suas vivências e as fronteiras físicas concernentes à atividade pesqueira. O procedimento metodológico adotado busca interpretar dados obtidos através das narrativas, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Foram realizadas quatro entrevistas com pessoas envolvidas com a atividade pesqueira. Além das entrevistas, a pesquisa conta com bibliografia sobre diversos temas que surgiram no decorrer das análises, como pescadores e fronteiras. O olhar a essas fontes, personagens da história local, fará deste texto ser memórias e fonte. É dada importância às águas, cenário comum aos entrevistados e que faz parte do imaginário do Oeste do estado do Paraná. Colabora-se com as discussões sobre fronteiras, sob a perspectiva de quem as vivencia, não sendo algo distante e, mas algo que faz parte do cotidiano, e está logo ali ou logo aqui. As discussões sobre as fronteiras físicas levantadas através das narrativas destes pescadores é a contribuição deste trabalho. O trabalho se insere no eixo temático: Fronteiras, Territórios e Culturas.

**PERFIL DOS AUTORES**

\*Paola Stefanutti é formada em gastronomia e mestranda do Programa de Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras. É docente do Instituto Federal do Paraná – IFPR, na área de gastronomia.

\*Valdir Gregory é doutor em História Social e docente da Unioeste e do Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras.

\*Nelson de Castro Neto é formado em Gastronomia e Administração e mestre em Desenvolvimento Regional pela Unioeste. É docente do IFPR na área de gastronomia.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo refere-se a uma parte de uma pesquisa em andamento em que se analisa as memórias de pescadores de Foz do Iguaçu, através de suas narrativas sobre vivências e alimentação. Será discutida uma das linhas que derivou desta pesquisa maior, sendo: as fronteiras físicas encontradas nas narrativas destes entrevistados, tendo como pano de fundo a discussão sobre a atividade pesqueira. Quando o termo atividade pesqueira é referido, a maioria das pessoas se remete a alguns elementos principais como os pescadores, os peixes, os comerciantes, os consumidores, os métodos de pesca, os materiais específicos da atividade, as embarcações, o período de defeso, o valor do pescado, o transporte, o armazenamento deste produto. Enfim, itens que fazem parte da cadeia produtiva do pescado. Porém, olhando através desta cadeia produtiva e pensando onde se inicia a sua existência, tem-se um espaço específico: as águas. Cenário, aliás, dividido por todos os pescadores e entrevistados desta pesquisa.

No texto Representações de Natureza na Fronteira, Gregory (2011) discute a integração dos sertões do Paraná ao Brasil através das ferrovias e vias fluviais, trazendo destaque ao elemento água. A água como transporte, como comunicação, como escoamento, como atração turística, como limite territorial, como potencialidade de cultivo agrícola. E pode-se acrescentar a água como comida, água como alimento, água como vida, água de cozer, água de beber. E a água como meio de labor e de subsistência dos pescadores. Fundamenta-se alguns motivos que fazem o Oeste do Paraná ser reconhecido pela força das suas águas, afinal Foz do Iguaçu é um município de economia turística através das suas águas: as Cataratas do Iguaçu, a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a Ponte da Amizade (que liga Foz do Iguaçu ao Paraguai) que passa acima do Rio Paraná, a Ponte Tancredo Neves (que liga Foz do Iguaçu à Argentina), que passa acima do Rio Iguaçu, o Marco das Três Fronteiras, cujo cenário é a confluência, o encontro dos dois rios, Paraná e Iguaçu, e dos três países, Brasil, Paraguai e Argentina. Relata-se ainda a água como espaço de lazer dos moradores locais, como a Prainha de Três Lagoas e a Prainha de Santa Terezinha do Iguaçu. As duas “prainhas” foram formadas através do represamento do Rio Paraná, se tornando o Lago de Itaipu. Certamente, a imagem vinculada à localidade tem relação direta com a água, a nascente, a correnteza, a passagem, a paisagem, os rios, os cenários, os registros, a beleza da natureza, e a ousadia das mãos humanas interferindo no caminho original das águas. Assim, é difícil pensar em Foz do Iguaçu, sem uma foz[[1]](#footnote-1) e sem um iguaçu[[2]](#footnote-2).

Pode-se ainda verificar as toponímias dos municípios lindeiros do Lago de Itaipu, além do município já referido: Entre Rios do Oeste, Santa Helena, intitulada A Terra das Águas; Guaíra, que significa lugar de difícil acesso, por causa das águas; São Miguel do Iguaçu; Itaipulândia e Santa Terezinha de Itaipu. Nomes de lugares como simbolismos e reforço da formação das identidades locais. Estas e outras reflexões juntam-se em um quebra-cabeça, sobre a importância das águas para o local, para quem depende diretamente (pescadores, contrabandistas) ou indiretamente (moradores, turistas, comerciantes) deste caminho/passagem estreito de grandes águas.

Após a ênfase dada à importância das águas para Foz do Iguaçu, é indissociável abordar a localidade, sem vir à lembrança que o município se encontra em uma tríplice fronteira com Argentina e Paraguai. A questão fronteiriça é tema de inúmeras teses, dissertações, artigos e livros, possuindo diversos focos, como pioneirismo, expansionismo, massacre, destruição, heterogeneidade, homogeneidade, hibridismo, alteridade, harmonia no caos, entre outros.

Para esta pesquisa, segue a discussão sobre a atividade pesqueira em um contexto de fronteiras, dialogando com autores das temáticas, dentre estes o consagrado sociólogo brasileiro, José de Souza Martins, a partir de sua obra, Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. Dedicado à questão da terra, suas fronteiras e a relação social envolvida neste cenário peculiar da zona fronteiriça, o autor analisa a fronteira a partir do humano com base em uma perspectiva antropológica e sociológica.

Ao discorrer sobre fronteira, uma das primeiras associações que perpassa a mente é a questão de limite de Estado-Nação, divisão entre países, e suas regiões limítrofes, porém seu significado transcende essa superficial definição. Além de limite territorial, ao refletir sobre este tema se deve levar em conta que há outras tipologias de fronteiras, que estarão sujeitas à “natureza da discussão a ser realizada” conforme outro autor que discute o espaço fronteiriço Antonio Marcos Myskiw (2005, p.227). Pode-se visualizar a fronteira no plano simbólico, humano, social, sendo este um entre-espaço em que fronteiras invisíveis são criadas e reafirmadas através de discursos, da própria história, da mídia, entre outras possibilidades. Até nos animais irracionais, observa-se que há fronteiras delimitadas e demarcadas através da urina, hormônios, feromônios, que em sua maioria são fronteiras territoriais.

[...] fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, *fronteira do humano* (MARTINS, 1997, p. 13, grifo do autor).

Essa não é apenas uma tríplice fronteira, mas uma zona fronteiriça, onde se estabelece não apenas fronteiras físicas dos três países e de suas três águas: Rio Paraná, Rio Iguaçu e Lago de Itaipu; mas de grupos sociais, como árabes-mulçumanos, árabes-cristãos, paraguaios, argentinos, chineses, brasileiros de diversas localidades, iguaçuenses, entre tantos outros; comerciantes do Paraguai, comerciantes do Brasil, professores, ex-barrageiros, funcionários da Itaipu, pescadores e demais profissionais do município. Parte-se, da concepção de uma multíplice fronteira, onde as peculiaridades se tornam rotineiras e o cotidiano se torna exceção.

Evidencia-se que esta não é uma escrita de fronteira, mas uma escrita na fronteira que busca levantar fronteiras do cotidiano destes pescadores, através de suas narrativas. Manteve-se o constante cuidado/zelo em explicitar a visão do entrevistado e não a perspectiva da autora sobre o tema. Como o que ocorreu com os documentos escritos nesta localidade sobre a mesma, no século XX, material analisado por Gregory (2014) que visualizou claramente o ponto de vista dos escritores e não a percepção das pessoas que ali moravam.

O procedimento metodológico adotado neste trabalho busca interpretar dados obtidos através das narrativas de pescadores, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Este pode ser visto como um método de pesquisa que busca conhecimentos sobre o passado, não sendo “um fim em si mesmo, e sim um meio de conhecimento” (ALBERTI, 2005 p. 29), para a investigação que se pretende realizar.

A opção pela metodologia da pesquisa oral foi influenciada, pelo autor Cardin (2014), que consegue dar vida aos sujeitos entrevistados retratando suas aflições, dúvidas, inquietudes, omissões, frustrações, suspiros, orgulhos, sensações únicas, podendo até proporcionar momentos de o leitor se imaginar no local da entrevista, ou da conversa, (como este autor nomeia seus diálogos com os sujeitos) como se estivesse participando ou quase entrevistando junto com o pesquisador. Este tipo de método estabelece uma relação mais humanística entre sujeito e pesquisador, fornecendo subsídios para uma compreensão, através das narrativas faladas e/ou omitidas, adicionais e algumas vezes até opostas às narrativas predominantes, sendo estas vivas, compostas de pessoas reais, que possuem memórias, que sentem, presenciam, narram e vivem. Deste modo, esta pesquisa buscou uma visão do cotidiano, procurando olhar para o pescador, além de sua atividade pesqueira, e, vislumbrar o ser humano, com suas narrativas, seus gestos, seus suspiros, suas atitudes, seus espaços e cenários.

Esta visão pode encontrar respaldo nas teorias discutidas pelo semiótico argentino Walter Mignolo. Dentre estas, pode-se dizer que este trabalho possui uma visão “gnosiologista”, não no sentido religioso, místico ou espiritual. Como diz Mignolo (2003, p.30 a 33): “A gnose permite falar de um ‘conhecimento’ além das culturas acadêmicas.” Nesta linha, a gnose seria uma ruptura com o pensamento racional e cartesiano, proporcionando e valorizando os conhecimentos muitas vezes tidos como não científicos, sendo estes adquiridos através das vivências dos que estiveram ou estão em um determinado espaço. “A gnose liminar, enquanto conhecimento em uma perspectiva subalterna é o conhecimento concebido das margens externas do sistema.” Apesar dos textos trabalharem sobre situações, cenários, ângulos e pessoas diferentes, este e Mignolo, se convergem para apresentar e aprender com aqueles que vivem e refletem seus próprios saberes. Outro ponto notável é a escrita de Mignolo (2003), pois em diversos momentos do texto, o autor conversa diretamente com o leitor, utilizando os tempos verbais em primeira pessoa, e comunicando suas intenções, opiniões e inquietações.

As entrevistas com pescadores e ou familiares que vivenciaram o período da pesquisa, dispuseram da elaboração de um roteiro prévio. Porém além destas, o trabalho contou com bibliografia sobre os temas, trazendo à mesa, desta simbólica refeição acadêmica, discussões de autores voltados às temáticas de pescadores e fronteiras.

Sem ser um assunto provocado diretamente durante as entrevistas, as fronteiras que circundam o cotidiano destes pescadores ou seus familiares, foram sendo identificadas no decorrer de suas narrativas. É possível que a não intencionalidade, tenha gerado um ambiente propício para narrar naturalmente fatos sobre essas fronteiras, sem que se dessem conta disso, se opondo a potenciais respostas prontas e formadas, com definições de fronteiras que não fazem parte e não representam o cotidiano vivenciado. Porém, isso é apenas uma hipótese.

Neste texto foram trabalhadas quatro entrevistas, que foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta escrita, possuindo autorização de Termo de Consentimento para a utilização dos dados. Como o objetivo deste, não era o estudo lingüístico da fala destes pescadores, optou-se pela transcrição das narrativas ajustando erros de português gramatical, vícios de linguagem, formas coloquiais, porém procurando manter os sentidos das falas. Durante a escrita deste trabalho, optou-se pela utilização dos nomes dos entrevistados, como estes se autodenominam, e são conhecidos nas imediações e em relações sociais. Justifica-se, portanto, a utilização do apelido e do “Seu”, em dois casos, sendo uma alteração fonética do pronome de tratamento senhor.A disposição em que foram apresentados não indica o grau de importância dos mesmos, mas a ordem cronológica das entrevistas.Assim, os entrevistados foram Seu João, Iracema, Popeye e Seu Valdemar.

**DESENVOLVIMENTO**

Um dos tipos de fronteiras levantadas foi à fronteira física, a fronteira visual, sendo a mais perceptível de ser identificada nas narrativas, no distanciamento entre o eu e o Outro. Esta fronteira pode ser visualizada nas narrativas dos entrevistados quando abordados sobre a problematização da escassez de peixe. Três entrevistados fugiram do discurso clichê “a culpa é da Usina Itaipu”, e desenvolvem uma fala sobre a Usina Yacyretá[[3]](#footnote-3), sendo que o Brasil estaria correto, e a culpa deste problema seria o Paraguai e a Argentina. Um dos pescadores que mencionou a Yacycretá, como o problema da escassez do peixe, foi Seu João:

Acabaram os peixes. Acabaram no Rio Iguaçu, acabaram também no Paranazão. Mas diz que tudo é a Yacyretá, que é aquilo lá que acabou com tudo, eles não deixam o peixe subir. Aquilo lá, aquele elevador deles lá, é só para tampar o olho, eu quero que pegue de surpresa uma fiscalização, para você ver mesmo. Quando a fiscalização vai lá eles estão avisados, e colocam para funcionar. Então isso aí não deixava os peixes subirem, e foi acabando e acabou.[[4]](#footnote-4)

Quem também falou sobre essa represa foi o neto da Iracema, Thiago, que pediu a palavra logo após uma discussão sobre a drástica diminuição da quantidade de peixes:

O problema maior não é a Itaipu, claro que gerou uma nova biodiversidade. Depois da Itaipu mudou o fluxo do peixe, mudou o fluxo da água, né? Migração de espécies, umas pararam de crescer, mas enfim, o problema maior está a quatrocentos, quinhentos metros para baixo, chama Yacyretá, em Corrientes, é uma usina hidrelétrica, no Rio Paraná que está entre Paraguai e Argentina, que não tem canal da Piracema. Daqui para baixo. Se explodisse essa usina, o problema tava resolvido, iria subir, surubim, pintado, dourado. [...] Então a Itaipu não é a culpada de tudo.[[5]](#footnote-5)

 Thiago não é pescador profissional, mas tem uma relação com a atividade pesqueira como prática de lazer e esporte, e vive em torno do rio e de pescadores, porém possui um discurso que se alinha com as palavras de Seu João e Popeye que complementa sobre a represa Yacycretá:

[...] começaram a fazer as represas no rio, aí não tem mais acesso do peixe subir. Por exemplo, a Itaipu fez um acesso, o canal da piracema, então eles fizeram coisa boa, já tudo programado, a Itaipu programou, fez tudo certinho como manda a lei. Só que a Argentina e o Paraguai não fizeram.[...] Então o pescador pega os peixinhos, porque eles fazem a ceva[[6]](#footnote-6). São dez, vinte, trinta sacos de milho durante o mês. O pessoal vai cevando para poder pegar uma piapara, entendeu? Então não tem mais acesso. Então esses países aí não têm consciência.[[7]](#footnote-7)

Na fala acima o pescador personifica os países como se os mesmos tivessem características humanas. Pode-se verificar como o Estado é imaginado na perspectiva popular, como um Estado-humano, bondoso, patriarcal, solidário, generoso ou insensível, negligente, miserável, malevolente. Uma construção civil, com seus significados econômicos, políticos e sociais, acaba se tornando o próprio Estado-nação. A parte pelo todo, uma figura de linguagem, uma metonímia, uma verdade imaginária. É possível notar nas narrativas apresentadas uma visão comum de que a Itaipu é a única culpada da escassez do peixe, e estende seu discurso até a Usina de Yacyretá. Sutilmente percebe-se o distanciamento frente ao Outro, que neste caso, Paraguai e Argentina são os responsáveis pela escassez de peixe na localidade abordada.

Neste momento inteira-se com a ideia de Martins (1997, p. 150-151): ”Na minha interpretação, [...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular.“ Para o autor, é também encontro, conflito e desencontro. ”A primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro.“ Acrescenta-se o paraguaio e o argentino e do outro lado o brasileiro, partindo da visão destes entrevistados. Ou como pode ser observado nas narrativas descritas acima, o conflito sobre a escassez de peixe gera o desencontro no discurso entre as três nações, que dependendo da perspectiva estão no local do encontro, das águas, da fronteira, da alteridade. Martins ainda completa que, a fronteira é ”essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro”. Além de desencontro e conflito em função de diferentes concepções de vida e visões de mundo, ”o desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História”.

Além desta questão, Popeye harmoniosamente trata do caminho do peixe:

Porque o nosso peixe, que nós pegávamos bastante antigamente aqui, ele sai do Pantanal do Mato Grosso, desce pelo Rio Paraguai e sobe pelo Rio Paraná para desovar, e era o peixe que nós pegávamos aqui para cima. Então como aquela represa Yacyretá não tem uma escadaria, não tem um canal da piracema para o peixe subir, dos anos noventa para cá fracassou completamente.[[8]](#footnote-8)

Nesta explanação, o pescador conta detalhes sobre a vida do peixe: sua origem, caminhos percorridos, a busca pela desova e seu destino final. Compreende-se, que o peixe de Foz do Iguaçu não é o peixe da região, mas o peixe das regiões, é um peixe além da fronteira, além da fronteira estadual ou nacional, é o peixe que nasce no Mato Grosso, cresce descendo pelo Rio Paraguai, indo até territórios institucionalizados da Bolívia, Paraguai e Argentina e sobe pelo Rio Paraná, para encontrar seu último rumo. Pode-se estabelecer uma analogia do peixe como representante do espaço fronteiriço, afinal, como definir que este peixe é de uma determinada região, espaço, ou água? A água que vai e que vem, água que vai e não volta, água que não se detém, água como local onde a partir dela se constroem fronteiras imaginárias, físicas e políticas. As águas são apenas um espaço, que a todo segundo não é mais o mesmo. As águas não são mais as mesmas, do segundo acabou de passar. O tempo passou, as águas passaram, os peixes se foram, e os pescadores ficaram. O peixe não “respeita” a fronteira, o peixe não conhece esse limite, seu espaço vai além destes, sendo, portanto uma simbologia singular do ser transfronteiriço[[9]](#footnote-9).

Outra narrativa que se discute a fronteira física envolvendo os três países que dividem fronteiras e águas, é a do Seu Valdemar, cuja moradia fica ao lado do Espaço das Américas, abaixo do Marco das Três Fronteiras, tendo uma visão privilegiada do caos cultural simbólico. Na sua fala sobre a piracema, ele diz que ela é incoerente, pois no Brasil são quatro meses de suspensão da pesca, enquanto que no Paraguai são quarenta e cinco dias e na Argentina apenas trinta dias. Como limitar qual é o espaço de um e qual o espaço do Outro? “Do meio do rio para lá é Argentina, e do meio do rio para lá é o Paraguai.[[10]](#footnote-10)“, completa o pescador contrariado.

Vale salientar que as entrevistas ocorreram na época da Piracema[[11]](#footnote-11), entre os meses de setembro de 2014 e janeiro de 2015. Este é o período de reprodução de várias espécies de peixes, e, portanto, um tempo de restrições na pesca, que compreende o intervalo de primeiro de novembro a vinte e oito de fevereiro do ano seguinte. Alguns pescadores disseram que foi sorte as entrevistas ocorrerem nesta época, sendo possível encontrá-los em suas casas, pois quando a pesca está liberada, isto é um fato raro.

Voltando a fala de Valdemar, estabelece-se um paralelo com a autora Graziele Ferreira que faz reflexões e discussões sobre o limite fronteiriço do Brasil e do Paraguai no Lago de Itaipu. Apesar de estar falando sobre um ambiente aquático diferente, o Lago também é um local de alteridade, onde pescadores de ambas as nacionalidades transitam e utilizam o espaço para a atividade pesqueira. Porém também se estabelece o mesmo questionamento de como definir o limite territorial aquático de Brasil e Paraguai, e como esta questão influencia nas relações sociais desses grupos. Uma das fontes orais da autora descreve a sua maneira, algo que teóricos se remoem para representar com tamanha eficiência a questão de fronteira, conforme segue: ”[...] só que o peixe nada em todo o lugar e ele não têm dono, quem pegar consome e vende“ (FERREIRA, 2012, p.11). Assim é com o ser humano, ele está ali e lá, no Paraguai, no Brasil e na Argentina, está em contato com os três territórios ou com nenhum deles, simplesmente vivendo seu cotidiano.

A expressão anterior “ou com nenhum deles”, foi proposital, pois apesar de Seu Valdemar, como já exposto anteriormente, morar na barranca do rio, abaixo do Marco das Três Fronteiras por mais de trinta anos, surpreende: “Na Argentina, nem no barranco do outro lado eu nunca fui. Eu tinha medo dos argentinos nos pegarem [riso envergonhado]. Então, nunca fui para o lado de lá e nunca comprei nada lá.” [[12]](#footnote-12) Ao contrário do que se pode supor, morar e viver em uma zona de fronteira, não é sinônimo de acesso às relações fronteiriças e circulação livre pelos países vizinhos. Neste contexto, pode-se dialogar com Myskiw (2005, p.227): “A visão daqueles que dela [fronteira] vivem próximo é muito diferente daqueles que vivem longe da mesma.” Tendo uma relação direta com o imaginário simbólico de que todo morador usufrui da fronteira da mesma maneira: aproveitando os produtos com preços sem impostos no Paraguai e jantares com carne suculenta, acompanhado de vinho na Argentina.

Ainda analisando a fala de Seu Valdemar, ele demonstra que quando a sensação de medo do Outro se torna mais forte do que a curiosidade do que possa existir do outro lado da fronteira e/ou do rio, esse morador não se torna parte da fronteira como espaço multi, como se tem no imaginário comum, mas se torna parte da fronteira a sua maneira, ou fortalece suas próprias fronteiras. E a margem Argentina, que está logo a sua frente, visualmente possível durante trinta anos, não é o seu lugar, mas o espaço do Outro.

Essas foram as fronteiras no plano físico encontradas nas narrativas destes quatro entrevistados. Acrescenta-se que, além das fronteiras apontadas, ainda surgiram outras que serão trabalhadas em momentos posteriores como no plano humano-simbólico, que se destacam relatos de pesca e não de caça, a pesca extrativa como uma das questões que pode colaborado para o processo de escassez de peixes, e a relação com o cenário atual da atividade pesqueira. A inevitável adaptação do ofício, tendo o pescador de ontem e o pescador de hoje. E finalizando com o pescador e os filhos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Escrever sobre fronteiras em um ambiente fronteiriço, e analisar como essas fronteiras aparecem no cotidiano e nas vivências destes pescadores e familiares através de suas narrativas, fez deste, um texto singular. Pode-se dizer que foram observadas as fronteiras no plano físico, sendo abordadas questões fronteriças envolvendo Brasil, Argentina e Paraguai, o represamento das águas da Usina de Yacyretá; o peixe como uma simbologia ímpar do ser transfronteiriço, explanado ricamente por Popeye; a questão da piracema neste contexto fronteiro; e o medo do Outro, no caso, o argentino.

É relevante pensar a fronteira a partir daqueles que a vivenciam. Muitas vezes as vivências podem revelar o além das teorias. Para eles, a fronteira é o que é sentido, a fronteira é a que existe e interfere em seus cotidianos, em suas rotinas, podendo trazer prejuízos ou benefícios. Porém nestes relatos levantados sobressaíram as lamentações. Observar a fronteira por dentro das memórias que esses entrevistadores quiseram partilhar é uma discussão a ser continuada.

Portanto, a concepção de uma multíplice fronteira, onde as peculiaridades se tornam rotineiras e o cotidiano se torna exceção, é real a partir da percepção de quem a observa e a analisa. Tem-se que nesta tríplice fronteira, nesta zona fronteiriça, onde os três países fazem fronteiras através das suas águas, cada participante pode ter a sua visão e a sua contribuição para os debates sobre fronteiras, sendo estas imaginárias e/ou não, criando e recriando as fronteiras em suas vivências, em suas memórias, em suas narrativas.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, V. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

CARDIN, E. G. La historia de una vida en situación de frontera: migración, superación y trabajo en el “circuito sacoleiro”. Revista de Estudios Sociales, núm. 48, enero-abril, 2014, pp. 100-109. Universidad de Los Andes. Bogotá, Colombia. Disponível em: < http://www.redalyc.org/pdf/815/81530018008.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

FERREIRA, G. O Lago de Itaipu como território fronteiriço da pesca: São Miguel do Iguaçu-Paraná (Brasil) – Hernandarias-Alto Paraná (Paraguai). Revista Perspectiva Geográfica Unioeste, v. 7, n. 8, 2012.

GREGORY, V. Fronteiras Múltiplas: Narrativas sobre os sertões do Paraná. In: COLOGNESE S. A.; CARDIN, E. G. (Orgs.) As Ciências Sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa. Cascavel: JB, 2014, p.183 – 214.

GREGORY, V. Representações de Natureza na Fronteira. Anais do V Colóquio Internacional Cultura e Memória Social. Unioeste - Campus Foz do Iguaçu, 2011.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ - IAP. Informe sobre a piracema. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=706>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2014.

MARTINS, J. D. S. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MIGNOLO, W. D. Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MYSKIW, A. M. Fronteira. In: Márcia Motta. (Org.). Dicionário da Terra. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, v. 1.

**ENTREVISTAS**

ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 01/12/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/01/2015 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

1. Palavra originária do latim, que significa “passagem estreita”, e utilizada para designar o local onde um corpo de água fluente desemboca em outro. [↑](#footnote-ref-1)
2. Iguaçu em tupi-guarani significa água grande. [↑](#footnote-ref-2)
3. Usina Hidrelétrica Binacional construída no rio Paraná entre Argentina e Paraguai, a quatrocentos quilômetros abaixo de Itaipu. [↑](#footnote-ref-3)
4. SACOMAN, João Aparecido. Entrevista concedida em 25/11/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-4)
5. ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 01/12/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cevar é um método de alimentar/nutrir os peixes. [↑](#footnote-ref-6)
7. ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-7)
8. ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-8)
9. Termo trabalhado por Roberto Abinzano e discutido por Gregory(2014, p.211 e 212) nas notas explicativas, cuja significação perpassa a questão das vivências além e independente das fronteiras. [↑](#footnote-ref-9)
10. TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/01/2015 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-10)
11. Ver Instituto Ambiental do Paraná - IAP: http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=706 [↑](#footnote-ref-11)
12. TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/01/2015 à Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu. [↑](#footnote-ref-12)